

CDU 627.217 (814.42 Suape):577.4

**COMPLEXO INDUSTRIAL – PORTUÁRIO DE SUAPE E SUAS
CONSEQÜÊNCIAS PARA A PESCA NO LITORAL DE
PERNAMBUCO***

**EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA MOT-
TA**

Acadêmico de Engenharia de Pesca da
UFRPE.

ALMIR SÉRGIO DA COSTA CARVALHO
Acadêmico de Engenharia de Pesca da
UFRPE.

Com a implantação do COMPLEXO INDUSTRIAL – PORTUÁRIO DE SUAPE, ao sul da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, podemos prever com base em estudos realizados por vários pesquisadores e entidades que atuam no campo da pesca, que fatalmente haverá destruição de uma das mais produtivas regiões pesqueiras da costa pernambucana com reflexos negativos noutras áreas do Nordeste.

O referido COMPLEXO DE SUAPE, está localizado à cerca de 35 km ao sul do Recife, abrangendo uma área em torno de 55.000 ha. Contendo duas imensas zonas formadas por mangues, com uma superfície de mais ou menos 71.500.000 m². Sendo constituído ao norte pelos estuários dos rios Jaboatão e Pirapama, com área de aproximadamente 23.800.000 m², encontrando-se esta bastante poluída. E ao sul, formada pelos rios Ipojuca, Merepe, Massangana e Tatuoca, com uma área de 47.700.000 m², porém o grau de poluição desta ainda não é considerável, pelo fato de ser o rio Ipojuca seu único poluente.

Estes mangues fertilizam a região proporcionando intensa atividade pesqueira, formando sem dúvida, um criadouro natural aó ser utilizado para desova e/ou maturação por inúmeras espécies de peixes, crustáceos e moluscos como: camorim, carapeba,

* Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Engenharia de Pesca, Brasília, em 1979.

curimã, tainha, lagosta, camarão, carangueijo, siri, ostra, marisco, etc. A fauna citada proporciona alimento de baixo custo e rico em proteínas, vitaminas, sais minerais a várias famílias que lá habitam, possibilitando ainda razoáveis lucros financeiros aos pescadores que comercializam o excedente, obtendo assim sustento para suas famílias.

Suape reveste-se de grande importância também para a manutenção do potencial pesqueiro da costa do Estado de Pernambuco, haja vista que, outros complexos estuarinos como é o caso dos formados pelos rios Capibaribe e Beberibe, já não fornecem condições propícias à desova e criação dos referidos organismos, pelo seu alto grau de contaminação e pela destruição dos mangues decorrentes da expansão urbana. Os rios com seus estuários, quais sejam: Trapiche, Serinhaém, Ipojuca, Jaboatão, Timbó, Botafogo, Goiana, encontram-se poluídos, alguns totalmente mortos pela inexistência de vida aeróbia, devido a ausência de oxigênio dissolvido, face à excessiva carga de poluentes derivados principalmente da indústria do açúcar, entre muitas outras.

Com referência aos aspectos ecológicos, os mangues, por exemplo, são habitats que estão entre os mais produtivos do mundo. Segundo pesquisa realizada, calculou-se que, a queda de folhas somente da árvore vermelha do mangue (*Rhizophora mangle*) que é abundante em nossos mangais, fornecem metade dos nutrientes que sustentam importantes indústrias de pesca da costa da Flórida (USA.), como alimento fundamental do ciclo biológico dos seres que lá vivem. Associado aos estuários, os mangues suprem os nutrientes necessários às áreas de criação ou desova para 2/3 da produção de peixes do mundo inteiro, (GEYER² 1970 apud LIRA 1976). Vale ressaltar que os mangues só existem em baixas latitudes, sendo assim a região que compreende o Norte-Nordeste brasileiro, uma área privilegiada, coincidindo justamente com a região de maior pauperismo do Brasil.

A poluição dos estuários e a destruição dos mangues, significam a médio prazo, a destruição da flora e fauna marinhas e, conseqüentemente, além de afetarem perigosamente o fitoplâncton oceânico que fornece mais de 50% do oxigênio que respiramos, afastam a possibilidade do homem utilizar o mar como recurso alimentar. Cumpre ressaltar que o oceano não é fonte inesgotável de alimento, faz-se necessário portanto que o homem saiba lidar com o meio ambiente sem destruí-lo.

Com a instalação de inúmeras indústrias antiecológicas como as de: cimento, alumínio, fertilizante, petroquímica, celulose, papel, e muitas outras que a partir do PROJETO SUAPE poderão ser instaladas em Pernambuco, prevê-se o aumento do grau de poluição decorrente dos despejos do lixo industrial como também do tráfego marítimo.

No que se refere aos resíduos industriais, os apologistas do COMPLEXO INDUSTRIAL-PORTUÁRIO DE SUAPE, argumentam que existe tecnologia para conter a poluição. Entretanto o emprego dos equipamentos anti-poluentes hoje disponí-

veis mesmo em se usando os mais sofisticados como o fazem as potências mundiais: Japão, Estados Unidos. Alemanha, não elimina os graves problemas decorrentes da poluição industrial, como por exemplo podemos citar a histórica catástrofe ocorrida no Japão, na baía de Minamata, onde foram verificados muitos casos fatais e um desequilíbrio ecológico de grandes proporções.

O Complexo Industrial de Camaçari no Estado da Bahia, apesar de modernos equipamentos para o reprocessamento dos resíduos industriais, dispondo inclusive de técnicos especializados para operá-los, vem poluindo grandemente uma enorme área. Então, porque nós pernambucanos temos que passar pelas mesmas experiências já sofridas por outros?

Nas faturas indústrias de SUAPE, o abastecimento d'água constitui também um problema muito sério, segundo declarações de Luiz Lira, Professor de Geologia Marinha do Curso de Engenharia de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE): "a região de Suape é geologicamente a continuação da região vulcânica do Distrito Industrial do Município do Cabo. Esta característica litológica não permite à região o armazenamento de água subterrânea em quantidade suficiente para suprir as necessidades das indústrias que se pretendem implantar na área. As rochas cristalinas são impermeáveis impossibilitando a captação d'água de precipitação pluviométrica e o pacote sedimentar do Grupo Barreiras, que ocorre recobrimdo o embasamento cristalino, além de ser de pequena espessura, não é um aquífero importante como fornecedor de água subterrânea".¹

No equacionamento deste problema, segundo o Plano Diretor da Consultoria Brasileira de Transporte Limitada (TRANSCON), para o COMPLEXO INDUSTRIAL-PORTUÁRIO DE SUAPE, optou-se pela construção de barragens, duas das quais já foram recentemente construídas nos afluentes do rio Massangana, e uma terceira será implantada no rio Ipojuca. Além dessas barragens aumentarem os custos do PROJETO, as já existentes foram edificadas e suas áreas de influência inundadas, sem haver uma limpeza prévia no solo, que era ocupado em 70% com cana-de-açúcar e em 30% por matas residuais. Consequentemente toda esta matéria orgânica entrará em processo de decomposição pelos microorganismos reduzindo-os em seus respectivos componentes, a partir daí em solução. Com isto serão criadas as condições para que as algas os utilizem e proliferem em larga escala, constituindo esta ocorrência, sem dúvida, um problema para as indústrias que estarão continuamente sujeitas a entupimento de suas máquinas, ao utilizarem estas águas para refrigeração das mesmas. Para este problema existe solução, as indústrias passariam a utilizar água proveniente de uma estação de tratamento, cuja solução além de dispendiosa, seria incompleta, visto seus filtros permanecerem em constantes riscos de entupimentos.

Além do mais, os nutrientes trazidos por vários cursos d'água do Estado de Pernambuco já se encontram impedidos de chegar e fertilizar o oceano devido ao acrescido número de barragens já existentes, como é o caso do Carpina, Goitá, Tapacurá, Bitá e Utinga de Baixo, estas últimas localizadas em Suape, e outras. Perspectivas,

como as futuras barragens do rio Ipojuca e Beberibe, as quais também contribuirão para o empobrecimento das águas que banham a costa de Pernambuco.

Como foi referido, a impermeabilidade das rochas que constituem a região de Suape, fará com que os resíduos industriais atinjam o mar, encontrando aí um sistema de circulação que tem a tendência geral de tomar o sentido de Sul para Norte, com uma velocidade média da ordem de 0,8 milhas por hora, impulsionado pelos ventos oriundos de Sudeste que levarão as águas contaminadas para regiões de grande concentração urbana (LIRA¹, 1979) a exemplo das praias de Candeias, Piedade, Boa Viagem e Pina todas situadas no Grande Recife, que são lugares comumente utilizados para residência e lazer pela maioria da população lá existente, além da que se desloca regularmente para àqueles sítios.

Associado a esta tendência das correntes marinhas estão as linhas de arrecifes que ocorrem em sentido paralelo ao litoral. Mesmo que os arrecifes sejam importantes defensores da costa contra os processos de erosão marinha e como corredores para os nutrientes provenientes da Região Sul, passaria a funcionar como corredores também para as águas poluídas procedentes daquela região em decorrência das futuras indústrias de Suape por sua prevista elevada concentração, LIRA¹ 1979). Além disto, estes arrecifes, impedem a livre comunicação das águas poluídas com o mar aberto, ficando assim retido entre os mesmos, ao longo da plataforma continental.

E ao longo dos arrecifes, região bêntica do mar costeiro e nas zonas estuárias, principalmente agregado às raízes dos mangues que se encontram consideráveis quantidades de moluscos filtradores que têm a propriedade de concentrar metais pesados como: mercúrio, zinco, chumbo etc., que tanto diretamente através da alimentação ou indiretamente através da cadeia alimentar, iria por a população em constante perigo de contaminação.

As algas, também podem absorver os resíduos químicos, e daí, através do ciclo biológico atingir algumas espécies de peixes e crustáceos.

Porém, mesmo que os poluentes provenientes do COMPLEXO DE SUAPE, somados aos já existentes não resultassem diretamente em morte para os organismos aquáticos, poderiam causar condições sub-letais para os animais que não morreriam logo, mas, poderiam perder ou diminuir a capacidade de se reproduzirem, levando as espécies atingidas ao declínio ou até mesmo à extinção. Tendo em vista que alguns crustáceos e peixes tem a característica de serem grupos de animais migratórios, não só estaria pondo em perigo o potencial pesqueiro do Estado de Pernambuco, mas possivelmente outras áreas do Nordeste.

Assim sendo, o Nordeste brasileiro, especialmente o Estado de Pernambuco, em vez de exportar alimentos marinhos, a exemplo das lagostas (*P. parvus*, *P. laevis*) que representam mais de 50% da economia pesqueira do país passaria a exportar

Engenheiros de Pesca e pescadores artesanais, em virtude de restringir-se gradativamente seus campos de atuação.

Segundo a professora e especialista em Desenvolvimento de Comunidade da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Hebe Gonçalves, “tem implicações sociais muito sérias esta destruição impensada das reservas naturais de nutrientes em decorrência de agressões sucessivas e intensas à flora e à fauna dos cursos d’água e dos mares. No caso do COMPLEXO INDUSTRIAL-PORTUÁRIO DE SUAPE tais repercussões revestem-se da maior gravidade se considerada a contradição social intrínseca desta iniciativa do Governo do Estado de Pernambuco. Haja visto que ao reduzir-se assim a oferta de alimentos gera-se, ao mesmo tempo, um aumento intensivo da demanda interna de alimentos pelo estímulo à imigração que o próprio COMPLEXO representa como polo de atração de mão-de-obra subempregada e desempregada geralmente procedente do campo. Sabe-se, por experiências anteriores, que o modelo de industrialização de Suape não é aobserverdor de mão-de-obra na escala que a nossa realidade nordestina reclama, salvo em uma primeira fase de construção das edificações de uso industrial. Cabe, portanto, admitir-se que grande parte da população imigrante se localizará em áreas periféricas das sedes urbanas da Região de Suape, privada de emprego estável e da alternativa de sobrevivência que a riqueza natural, dos mangues das áreas estuarinas e do mar poderia representar caso não fosse adotado o modelo de industrialização previsto para a Região de Suape como degradador da natureza. Qual a resultante social que ao final se espera alcançar com a industrialização de Suape? o agravamento do estado de subnutrição ou de desnutrição, da fome crônica ou ancestral das comunidades nordestinas? é certo e é justo que pernambucanos contribuam para a acentuação da já aguda e crítica situação de pobreza da maioria da população nordestina? Pessoalmente, entendo a “extrema pobreza” como a forma mais crítica de poluição”.

E continuou, “há bem pouco tempo um velho e experiente pescador às margens do rio Jaboatão dizia-me: o mangue é o viveiro do peixe. Aqui, qualquer pescador, assim como eu, tinha garantida a sua alimentação e para toda a sua família e ainda sobrava tanto peixe, nas nossas antigas pescarias que a gente ganhava um bom dinheiro com a venda do peixe lá fora”.

Fato interessante, é que nos Estados Unidos, foi criada uma lei, que para cada árvore derrubada das zonas alagadas em geral, paga-se uma multa de setenta e cinco dólares. Atualmente, no Estado de Pernambuco, para a construção do Anel Viário de Suape, estão pagando em torno de Cr\$ 5,00 para cada metro cúbico de madeira extraída dos mangues aos moradores da região, os quais dizem: “o mangue é o viveiro do peixe”.

Fica aqui explícito a alternativa para SUAPE, que é o cultivo de organismo aquáticos através de uma produção intensiva, com ampla participação da mão-de-obra local e sem que se venha a aviltar a estrutura cultural da população, assim como, deixando o seu ecossistema em inteira harmonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – UM GEÓLOGO esta criticando o Projeto Suape (para ele, a destruição de nossas praias). Um debate conduzido, pelos repórteres Mônica Tenório, Cláudio Roberto e Mariza Mendes. *Diário da Noite*, Recife, 30 abr. 1979. p.5.
- 2 – GEYER (1970) apud LIRA, Luiz. *Geologia marinha; estuários*. Recife, 1976. n.p. Apostila de aula mimeografada.
- 3 – LIRA, Luiz. *Geologia marinha; estuários*. Recife, 1976. n.p. Apostila de aula mimeografada.